



RELEITURA DA HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO POR MEIO DA ESCRITURA AUTOBIOGRÁFICA DAS VÍTIMAS

Vera Silveira Regert*

Universidade de Santa Cruz do Sul – UNSC

verasregert@ibest.com.br

RESUMO: O Holocausto é tema relevante de estudos em diversas universidades da Europa e dos Estados Unidos, tema de inúmeras pesquisas e teses de doutoramento; é foco central de incontáveis publicações. Comparando com as instituições européias, no Brasil pouco se privilegiam esses estudos, porque considerados de insignificante proximidade com os brasileiros, tanto no tempo quanto na relação de espaço. Este artigo procura aproximar e ampliar o conhecimento do Holocausto enquanto fato histórico revisitado por diferentes teóricos, evidenciando-o através do relato das vítimas e resgatando a reflexão que ele suscitou e os desdobramentos que continua provocando entre as mais diversas áreas do conhecimento humano.

PALAVRAS-CHAVE: Holocausto – Narrativa das vítimas – Repercussões

ABSTRACT: The Holocaust is a relevant theme studied in several Universities of Europe and United States, subject of countless researches, and it is the central focus of countless issues. Comparing it with the European Educational Institutions, in Brazil that study is not so privileged, because it is considered far from South America concerns, in terms of History, time and space. For that reason this article tries to approach the knowledge of the Holocaust, rescuing the thoughts that it raised and continues provoking in a large group of theoreticians of human knowledge.

KEYWORDS: Holocaust – Victims' narratives – Repercussion

HOLOCAUSTO: PORÕES E SÓTÃOS

Considerado por muitos como o acontecimento mais degradante e desumano que figurou no cenário da 2ª Grande Guerra, o Holocausto causa inquietação, dúvida e indignação, produz controvérsias entre os estudiosos do assunto. De um lado, cada vez

* Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado, Área de Concentração em Leitura e Cognição, Universidade de Santa Cruz do Sul, Estado do Rio Grande do Sul.

mais freqüentes e com maior evidência, insurgem os chamados revisionistas¹ e negacionistas² que procuram, através de diferentes argumentos, pôr em dúvida a autenticidade, a dimensão, a intensidade e as conseqüências do horror do Holocausto para os judeus e demais vítimas e, por extensão, para toda a humanidade, suscitando a desconfiança inclusive quanto à idoneidade dos relatos dos sobreviventes. Esses grupos despontam, ainda acanhada e isoladamente, em diversos locais do planeta, proclamando os ditos e preceitos hitleristas de limpeza étnico-racial para a construção de uma sociedade livre dos indesejáveis e inconvenientes, divulgando suas idéias pela internet, ou ostentando o símbolo nazista, circulando em manifestações nas quais algum grupo étnico é ofendido, constrangido e, inclusive, violado. De outro lado, temos os estudiosos de diferentes áreas do conhecimento que desaprovam essas posturas e apresentam seus contra-argumentos que vão na direção da importância e urgência de se refletir sobre o que foi e o que possibilitou a loucura nazista da Solução Final,³ porque há indícios de ela estar latente e à espreita de uma nova oportunidade para acontecer como evento análogo ao que incidiu décadas atrás. A esses teóricos, unem-se as vozes dos sobreviventes, poucos, se comparados aos números estarrecedores dos que pereceram durante a guerra e em conseqüência do Holocausto, vozes perfeitamente audíveis e eloqüentes de cada relato.

Em sua origem etimológica, a palavra grega *Holokauston* designa o ritual praticado entre os antigos hebreus de oferecer em sacrifício um animal que seria totalmente consumido pelo fogo, numa simbologia de imolação de si mesmo. Com o acontecimento da 2ª Guerra, a palavra Holocausto passou a nomear os assassinatos em massa de crianças, mulheres e homens, judeus e não judeus. Para alguns, o nome mais adequado para referenciar tantas mortes e tamanha atrocidade é *Shoah*,⁴ palavra hebraica que significa “aniquilamento”.

Numa primeira acepção teórica, o Holocausto foi entendido como sendo uma espécie de anomalia, um defeito ou desvio no sistema de organização social da

¹ São assim chamados os adeptos da teoria do Revisionismo. Como o nome sugere, essa teoria prega a revisão de idéias, doutrinas, valores, fatos históricos. No caso do Holocausto, os revisionistas questionam a veracidade do acontecimento, ou sua intensidade e proporção.

² Adeptos da doutrina que nega o genocídio judeu durante a 2ª Guerra Mundial, bem como afirma que as câmaras de gás são uma grande invenção dos judeus.

³ Expressão que nomeia o projeto nazista de exterminar os judeus da Europa.

⁴ Segundo alguns teóricos, esse termo seria o mais adequado para substituir “holocausto”, principalmente após o lançamento do filme de Claude Lanzmann, em 1985, intitulado “Shoah”.

humanidade, comparado à FALHA na engrenagem social. Nesse raciocínio, os perpetradores são pessoas consideradas sádicas, desvirtuadas, descontroladas, capazes de atos insanos, incontidos e bárbaros. Entretanto, estudos posteriores sinalizam para outro direcionamento: o Holocausto pode ter sido mais que uma falha no sistema, e sim, resultado, conseqüência, produto ou FRUTO desse sistema tido como ideal, que foi pensado e aprimorado nas últimas centenas de anos. Há a assustadora possibilidade de que o Holocausto constitua uma das faces da Modernidade, talvez indissociável desta. Nessa perspectiva, os perpetradores são vistos como “normais”, agradáveis com outros sujeitos, preocupados com suas famílias, funcionários dedicados e zelosos de seu ofício, como de fato se mostraram os acusados quando dos julgamentos pós-guerra.

Em defesa da idéia de que Holocausto e Modernidade possam ser indispensáveis uma à existência da outra, temos o estudo sociológico de Zygmunt Bauman,⁵ o qual esclarece a íntima relação entre os princípios da racionalidade moderna: a organização, a burocracia, o planejamento, a eficiência, a tecnologia, a produção seriada, o lucro, os gráficos e indicadores, a técnica, o controle e avaliação dos resultados, com a base social/operacional para a realização do Holocausto. Além desses princípios modernos, outros elementos se combinaram para a concretização do Holocausto: o sentimento anti-semita, o racismo e o desejo da sociedade perfeita, o ufanismo nacionalista excludente, a Igreja omissa, a ciência sem escrúpulos, um líder carismático, a situação alemã decadente pós-1ª Guerra. Como evidencia Bauman na proposição de que todos os ‘ingredientes’ do Holocausto foram normais “[...] no sentido de plenamente acompanhar tudo o que sabemos sobre nossa civilização, seu espírito condutor, suas prioridades, sua visão imanente de mundo – e dos caminhos adequados para buscar a felicidade humana e uma sociedade perfeita”.⁶

Como explica o historiador italiano Enzo Traverso,⁷ na tentativa de traçar a genealogia do Holocausto, os nazistas não inventaram nada que já não existisse antes para a preparação e execução dos seus planos violentos, mas sim, conseguiram elaborar uma síntese única desses elementos já perceptíveis na estrutura social positivista da Europa, entre os anos de 1870 a 1933: o capitalismo industrial, o imperialismo, o

⁵ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

⁶ Ibid., p. 27.

⁷ TRAVERSO, Enzo. **La violenza nazista**: una genealogia. Bologna: Il Mulino, 2002.

colonialismo, a política da eugenia, o desejo de higiene racial e suas ligações com o darwinismo. Para Traverso, é fundamental investigar desde as primeiras manifestações de violência encontradas no passado da civilização européia, traçar uma genealogia dessa violência e compreender que modo ela foi ferramenta para incrementar as práticas nazistas. O historiador aponta alguns métodos seculares de violência como precursores daqueles empreendidos pelos nazistas: 1) a guilhotina: símbolo da morte mecanizada, em série, que isenta o carrasco, uma vez que ele não assassina diretamente a vítima, tornando-o um mero funcionário que executa ordens; 2) a cadeia: caracterizada pela desumanização e humilhação do sujeito, pela submissão hierárquica; 3) padrão de fábrica taylorista: que serviu de base para a organização sistemática do extermínio; 4) a administração racional: que preconizou a indiferença moral quanto à deportação em massa e ao posterior extermínio das vítimas; 5) a idéia de evolução e seleção das “espécies”: reforçou os conceitos de cunho colonialista da superioridade de uns sobre os outros.⁸

Os nazistas conseguiram resgatar e acirrar o sentimento anti-semita, presente já há muito na Europa e revigorado durante o governo nacional-socialista de Hitler, tornando-o virulento e eliminacionista. Na Idade Média, o anti-semitismo estava diretamente relacionado com a questão religiosa, na incompatibilidade entre a cristandade e o judaísmo, afirmada na crença de que os judeus “assassinaram Jesus”, bem como rejeitaram a “Boa Nova” que Ele veio trazer ao mundo. Porém, havia a possibilidade de salvação do judeu: era-lhe oferecida a oportunidade de conversão através do batismo cristão. O sentimento anti-semita será potencializado no séc. XX através do fortalecimento das idéias de raça como elemento determinante de divisão entre os judeus e alemães, uma vez que a raça é imutável e não existe possibilidade de judeus tornarem-se alemães. Aqueles são considerados a causa central da desordem e decadência pós-1ª Guerra, sendo que o país só poderá ser “salvo” mediante o extermínio dos invasores e traidores.

⁸ Mesmo as Leis de Nuremberg que, como sabemos, são basicamente raciais, alicerçadas em preceitos de superioridade étnica, têm seu precedente histórico na África, ao longo das guerras coloniais, no século XIX, quando foram experimentadas e aplicadas. Lembra Traverso que o próprio Hitler comparou a Segunda Guerra com uma guerra colonial.

“Ser um anti-semita na Alemanha de Hitler, durante o período nazista era tão comum, que o fato não virava notícia”,⁹ comenta o professor Daniel Goldhagen. O pesquisador norte-americano sustenta a idéia de que o sentimento anti-semita é um modelo cognitivo de crenças e valores, arraigado e compartilhado no imaginário alemão, confirmado através de contos folclóricos e da literatura, da imprensa popular, de panfletos e das caricaturas. Ao extremo, o anti-semitismo prega a necessidade de uma “solução para o problema judeu”: isolamento social, deportação, extermínio.

Se pudéssemos representar numa só palavra-chave quem é o anti-semita, apontaríamos “escolha” como o termo que determina a sua identidade, segundo a proposição teórica de Jean-Paul Sartre.¹⁰ Seu estudo **A questão judaica** é produzido na França pós-guerra de 1946 e nele o filósofo afirma que o anti-semita escolheu este modo de ser e explicar o mundo, numa visão maniqueísta de luta entre o bem e o mal, na qual não se consideram as responsabilidades individuais, e sim, coletivas. Para Sartre, co-existir no mundo com as verdades e modelos propostos pela modernidade só é possível com a presença de um forte preconceito, pois ela é capaz de afugentar o medo fruto da incerteza, da dúvida, inerentes à condição de ser humano em relação à vida, às conseqüências de suas atitudes. Sartre acrescenta que o anti-semita tem medo de descobrir e admitir que o mundo moderno não é nem está perfeito e que, para modificá-lo, faz-se imperativa a atuação de todos: “[...] seria necessário inventar, modificar, e o homem voltaria a ver-se como senhor do seu próprio destino, com uma responsabilidade angustiante e infinita. Por isso, o anti-semita concentra no judeu todo o mal do universo”.¹¹

Tentando construir “um relato sobre a consciência de Eichmann”,¹² a filósofa Hannah Arendt, por ocasião do julgamento de Adolf Eichmann em 1961, revela em seu livro **Eichmann em Jerusalém**,¹³ um homem mediano, medíocre, pouco inteligente, pronto a obedecer a qualquer comando, um funcionário dedicado, mas sem

⁹ GOLDHAGEN, Daniel Jonah. **Os carrascos voluntários de Hitler**: o povo alemão e o Holocausto. Tradução de Luís Sérgio Roizman. São Paulo: Cia. das Letras, 1997, p. 42.

¹⁰ SARTRE, Jean-Paul. **A questão judaica**. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Ática, 1995.

¹¹ Ibid., p. 28.

¹² Funcionário nazista alemão responsável pela deportação e extermínio dos judeus da Europa Oriental e da Alemanha. Vários anos foragido na Argentina, foi capturado, julgado e condenado à morte por enforcamento, pela Suprema Corte de Israel.

¹³ ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: ensaio sobre a banalidade do mal. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

originalidade própria, extremamente distanciado e desapegado da realidade, indiferente em relação ao resultado de suas decisões e à morte de outrem, ao contrário do homem de mente sádica e desumana que se esperava. A filósofa demonstra em vários momentos que o acusado não era um anti-semita fanático, mas um cidadão comum que viu na filiação ao partido Nacional-Socialista e na resolução eficiente das ordens vindas das organizações governamentais da época uma oportunidade ímpar de promover-se profissionalmente. O processo de deportação, seleção e extermínio é bastante simples e exato na compreensão de Eichmann e, conforme sua alegação, ele nunca assassinara nem um judeu sequer. No que nos alerta a professora e psicanalista Shoshana Felman, ao afirmar:

Aquilo em que consiste a violência do Holocausto – a própria essência do apagar e do aniquilar – não é tanto a morte em si, mas o fato ainda mais obscuro de *que a própria morte não faz diferença*, o fato da morte ser radicalmente *indiferente*: todos são colocados num mesmo plano, pessoas morrem como números, não como nomes próprios.¹⁴

SER SOBRE-VIVENTE: É ISTO UM HOMEM?

Nesse segmento investimos em esclarecer e procurar responder a questionamentos centrados a partir do ponto de vista das vítimas: quem são os sobreviventes? Como eles entendem sua experiência sem equivalentes? Como essa experiência persiste em suas memórias? Do que eles lembram? De que modo narram o que vivenciaram? Como cada um viveu o evento? Como sobreviveram? Revisamos conceitos teóricos que nos permitem compreender sobre memória, trauma, literatura de testemunho, procurando estabelecer pontes entre as “paisagens da memória” dos sobreviventes e de vítimas diretas ou indiretas do Holocausto, e refletir no presente sobre as suas experiências, motivações, sofrimentos, pensamentos, enfim, o que lhes foi possível elaborar a partir do Holocausto.

O que é sobreviver a uma catástrofe? Qual o limite entre passado e presente? Sonho e realidade? Vida e morte? Para o psicanalista Nestor Braunstein,¹⁵ diz-se

¹⁴ FELMAN, Shoshana. Educação e crise, ou as vicissitudes do ensino. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio. (Orgs.). **Catástrofe e representação**. São Paulo. Escuta, 2000, p. 64.

¹⁵ BRAUNSTEIN, Nestor A. **Sobrevivendo ao trauma**. Tradução de Marylink Kufeberg, do original *Surviving trauma*. **Tempo Psicanalítico**. Rio de Janeiro: SPID (Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle), n. 35, 2003. Disponível em: <http://nestorbraunstein.com/trauma.html>. Acesso em 26 mar. 2006.

“sobre-vivente” daquele que, tendo vivido experiência extrema e inenarrável, não se concebe mais inteiro, como se uma parte imprescindível sua tivesse morrido e a outra parte se lhe afigurasse desconhecida e, em conseqüência, irreconhecível. O psicanalista define o sobrevivente como aquele que perdeu sua identidade “apesar do nome próprio ter sido preservado”, um sujeito para o qual “o espelho deixou de funcionar”, concebe-se fragmentado pela cisão definitiva do que era antes e o que ficou sendo depois da experiência traumática; está assinalado para sempre e só pode continuar existindo numa sobre-vida.

O sobrevivente sente-se um estranho em relação a si e aos demais, entende-se inadequado ao antigo universo contextual do qual foi integrante e está na condição de prisioneiro de suas lembranças. Numa verbalização do que compreende por sobrevivência, o escritor Georges Perec,¹⁶ filho de judeus que foram mortos durante o Holocausto, reflete:

Há aquilo e pronto. [...] Não há outra escolha. Não existe alternativa. Há aquilo, há o que ele viu, e às vezes será menos terrível que o que viu, às vezes será muito mais terrível o que viu. Mas, para onde quer que volte os olhos, é aquilo que verá e nada mais, e somente aquilo será verdadeiro.¹⁷

Jorge Semprún afirma em sua obra **A escrita ou a vida**: “Haveria sempre essa memória, essa solidão: essa neve em todos os sóis, essa fumaça em todas as primaveras”.¹⁸ A faculdade da memória possibilita o aprendizado, a comparação, a avaliação e a nova aplicação desse aprendizado em circunstâncias a serem vivenciadas futuramente, no intuito de compreendê-las e superá-las, garantindo a sobrevivência. Portanto, o propósito da memória é o de orientar nas tomadas de decisão, no presente, para melhor projetar o futuro. A memória é componente direto da identidade, porque cada um é o que é pelo que é capaz de lembrar ou esquecer, como esclarece o pesquisador do tema na América Latina, Ivan Izquierdo:

Eu sou eu, você é você porque cada um tem sua própria história para lhe dizer isso. O conjunto das memórias que cada um de nós tem é o

¹⁶ PEREC, Georges. **W ou a memória de infância**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. O escritor teve uma infância conturbada, pois seu pai foi morto no front e sua mãe foi assassinada em Auschwitz. A obra é uma tentativa de reconfigurar sua história pessoal.

¹⁷ Ibid., p. 169-170.

¹⁸ SEMPRÚN, Jorge. **A escrita ou a vida**. Tradução de Rosa Freire D’Aguiar. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p. 140.

que nos caracteriza como indivíduos. Mas também nos caracteriza como indivíduos aquilo que resolvemos ou desejamos esquecer.¹⁹

Mesmo em relação a acontecimentos coletivos, a memória revela-se individualmente seletiva do que será possível lembrar ou daquilo que virá a ser esquecido por irrelevância ou por ser extremamente desagradável, dramático ou traumático, como no caso dos sobreviventes. Para Izquierdo: “Gravamos melhor, e temos muito menos tendência a esquecer, as memórias de alto conteúdo emocional”.²⁰

A memória autobiográfica, “característica própria e exclusiva do homem”,²¹ esclarece-nos outro teórico da memória, Harald Welzer, está intimamente relacionada ao fator emocional, não retrata necessariamente o ocorrido, mas o vestígio emocional do ocorrido, que passa por reformulações sucessivas. Justamente por ser das memórias o tipo mais complexo e intrincado, a memória autobiográfica é a mais fácil de ser perturbada, alerta Welzer. Mesmo uma pequena lesão é capaz de confundir as lembranças, tornando-as, muitas vezes, confusas e disparatadas. Vinculada fortemente às experiências cujas recordações são de conteúdo intensamente emocional, por vezes difíceis e dolorosas, não pode ser encarada como fonte absoluta de verdades indiscutíveis, e sim, deve ser concebida como bagagem íntima que facilita o entendimento da situação vivida, que ao ser elaborada por cada um, auxilie efetivamente para a readaptação da melhor forma possível à sua realidade. Assim, conforme Welzer, pesquisador de psicologia social: “[...] as lembranças traumáticas não são ‘mais verdadeiras’ ou ‘mais autênticas’ que as demais. Mas os sentimentos associados a elas contêm – e mantêm – o vestígio emocional do acontecimento passado”.²²

Sempre que se sentem capazes, as vítimas do Holocausto escrevem suas memórias, considerando essas narrativas memoriais como possibilidade de cercar o acontecido, atribuindo-lhe significação, entendimento e nomeando a experiência. Falam dos horrores vistos e vividos no período da guerra e da perseguição nazista aos seus pais, mães, irmãos, tios, avós, judeus e não-judeus, e a si mesmos que, inevitavelmente, constituem suas memórias de infância e juventude. Revelam a necessidade de resgate e

¹⁹ IZQUIERDO, Ivan. **A arte de esquecer**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004, p. 13.

²⁰ Ibid., p. 37.

²¹ WELZER, Harald. As guerras da memória. **Viver, mente e cérebro**, São Paulo, Ediouro. n. 156, p. 49, jan. 2006.

²² Ibid., p. 48.

reorganização dessas experiências na intenção de transmiti-las e atribuir-lhes crédito. Na realidade, as vítimas GERAM uma verdade outra por meio do processo discursivo, funcionando como forte elemento na formação da civilização e na transmissão de conhecimento entre os seres humanos. Assim, ajudam a divulgar, organizar e valorar os acontecimentos, favorecendo o entendimento da própria trajetória pessoal e também histórica.

“Nossa geração inventou uma nova literatura”²³, declara o célebre escritor sobrevivente do Holocausto, Elie Wiesel. Essa Literatura Memorial ou de Testemunho para as vítimas: é um ato intransferível, pessoal e solitário que viabiliza a fusão entre texto e vida. Para muitas testemunhas, o relato constitui-se requisito para a própria sobrevivência, para a preservação da sanidade, para a restauração da sua identidade pós-Holocausto, para sua reintegração na vida. Pode atuar como momento de revisão da História, propiciando crítica a valores tidos como incontestáveis, dando voz aos menos favorecidos, social e historicamente, favorecendo a (re)visita a um passado e a uma situação não elaborados nem assimilados. A construção literária mostra-se a forma primordial para o registro das memórias: é veículo eficiente das verdades mais humanas e inexplicáveis, permitindo que uma experiência pessoal seja transformada em memória cultural de irrestrito acesso. Como atenta Etty Hillesum, em seu diário: “Provavelmente vale bem a pena estar pessoalmente envolvida no escrever da História. Você pode então dizer o que os livros de História deixam de fora”.²⁴

A PALAVRA ÀS VÍTIMAS

A partir do estudo do teórico italiano Stefano Zampieri²⁵ daquilo que ele chamou de **Literatura do Lager**,²⁶ são indicadas três fases de testemunho das vítimas: a 1ª identificada logo após o fim da guerra, nos anos finais da década de 40, período marcado pela reconstrução das cidades devastadas durante o conflito, por pessoas

²³ WIESEL, Elie, 2000 apud FELMANN, Shoshana. *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000, p. 18.

²⁴ HILLESUM, Etty. **Uma vida interrompida**: os diários de Etty Hillesum – 1941-1943. Tradução Antônio C. G. Penna. Rio de Janeiro: Record, 1981, p. 133.

²⁵ ZAMPIERI, Stefano. Lager e letteratura. **Atas do Seminário Figure della Memória**, Firenze, 8-15, jan. 2004. Publicadas por Edizioni Plus/Università di Pisa, dez. 2004, p. 73-81. Também disponível em: <http://rete.toscana.it.sett/lefp/publicazioni/allegati/edu05op.pdf>. Acesso em out. 2006.

²⁶ Lager: palavra alemã utilizada para nomear “campo de concentração”.

preocupadas em se refazer de um momento decadente e de se manterem afastadas do conhecimento desse passado tão recente. Para os sobreviventes, resta o desconforto e o sentimento de culpa por terem escapado com vida da guerra, o que culmina numa “política do silêncio”. Zampieri menciona, como representantes da primeira fase, os conhecidos escritores: Primo Levi, Robert Antelme e David Rousset, entre outros. A 2ª fase ambientada no final da década de 50, quando a Europa consegue recuperar sua estabilidade e garantir seu crescimento econômico, vai se configurar um momento mais propício para a escuta dos sobreviventes. O grande nome dessa fase, segundo o pesquisador, é o escritor Elie Wiesel. A prisão e o julgamento de Eichmann são o marco para o início da 3ª fase, nos anos 60. A conhecida Guerra dos Seis Dias ou Terceira Guerra Árabe-israelense (em 1967) é, conforme Zampieri, evento histórico importante nesta fase porque mobiliza sobreviventes e demais pessoas a “repensar a *Shoah*”. Jorge Semprún é citado como o nome representativo desse momento. Temos ainda um quarto movimento que teria surgido, com sessenta anos de distância do Holocausto, em relatos de idosos sobreviventes na década de 90. Nesta fase final, os sobreviventes, mesmo idosos, retomam a narrativa do *Lager* e da sua repercussão, confirmado a necessidade de dizer a experiência novamente e expressá-la de forma nova, até porque o público leitor é também outro.

“Às vezes sinto vontade de fugir para dentro de algumas palavras, procurando refúgio nelas. Mas ainda não existem palavras para abrigar-me”²⁷, escreveria a jovem Hillesum, judia nascida em Amsterdã e morta em Auschwitz, em 1943. O grande dilema, evidente nas falas das vítimas, poderia ser resumido na interrogação: ESCREVER OU NÃO? Além do risco de parecer anacrônico e não-confiável, há outros impasses que dificultam a escrita: 1º) a impossibilidade de a palavra revelar literalmente o que foi a tortura nazista nos guetos e no *Lager*, por falta de vocábulos apropriados para nomear o que não tem nome, para narrar tamanho estranhamento, espanto, horror, absurdo; 2º) a incerteza em relação a qual maneira seria a mais conveniente de colocar no papel a experiência dos campos, qual estrutura, qual o estilo mais apropriado para conduzir a narrativa e ser entendido pelo leitor que não teve a mesma vivência.

A escrita das memórias das vítimas pode significar para seus autores a possibilidade de reencontro consigo mesmos, percorrendo novamente os caminhos do

²⁷ HILLESUM, Ety. **Uma vida interrompida**: os diários de Ety Hillesum - 1941 a 1943. Tradução de Antônio C. G. Penna. Rio de Janeiro: Record, 1981.

passado. Ou a tentativa de organização do caos que os acompanha desde sempre. Pode representar a direção para alguns e funcionar como um recurso para manter a vida (salvação) para outros. Pode ser a oportunidade de falar pelos mortos que já não podem fazê-lo; também uma espécie de teia que liga a vida à realidade. Uma maneira de relacionar as memórias pessoais ao conhecimento dos leitores. Testemunhar pode figurar ainda como suplício pelo constante reviver das lembranças e até a morte voluntária, conforme alguns relatos.

PAISAGENS DA MEMÓRIA: PRIMO LEVI E RUTH KLÜGER

Pretendemos ressaltar o aspecto dialógico existente entre a autobiografia de dois escritores sobreviventes do Holocausto: Ruth Klüger e Primo Levi, ambos considerados pela crítica como referências por excelência para o estudo do assunto. Klüger com o livro **Paisagens da Memória**,²⁸ traduzido para o português em 2005, mas traduzido e acolhido com sucesso em tantas outras línguas desde a primeira publicação em 1992. Levi, que dispensa maiores comentários, basta lembrar das dezenas de obras publicadas, entre elas **É isto um homem**,²⁹ escrito após dois anos da sua libertação do *lager* de Auschwitz, 1947.

Ela nasce em Viena, 1931, e desde tenra infância encontra-se já emaranhada nas teias do anti-semitismo, da opressão dos judeus, do regime nazista. Com olhar infantil, vê-se deportada para Theresienstadt em 1942, depois para Auschwitz em 1944. Klüger regozija-se com a sua fuga, da mãe e de uma amiga prisioneira (Ditha) de Christianstadt em 1945, quando tem apenas 12 anos. Ao final da guerra, emigra para os EUA, onde irá graduar-se e doutorar-se. Será a primeira mulher a chefiar o Departamento de Filologia Germânica da Universidade de Princeton. Curiosamente, bem mais tarde, ao voltar para a Alemanha a trabalho, será atropelada por um jovem alemão que, em disparada com a bicicleta, a deixa impotente caída na rua e lembrando dos anos infames de repressão e humilhação na infância, e decide-se por escrever a sua autobiografia.

Já Levi redige **É isto um homem** dois anos depois da libertação do campo de extermínio, porém a obra será devidamente reconhecida numa segunda edição, somente

²⁸ KLÜGER, Ruth. **Paisagens da memória**. Autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto. Tradução de Irene Aron. São Paulo: Editora 34, 2005.

²⁹ LEVI, Primo. **É isto um homem?** Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

em 1958. O escritor nasce em Turim, 1919. Forma-se em Química antes que o acesso às universidades fosse proibido aos judeus. É deportado para o *lager* em 1944 e após escrever vários textos que ficaram mundialmente conhecidos nos quais aborda as repercussões do Holocausto em sua vida, suicida-se em sua casa, no ano de 1987.

Apesar de vários aspectos de suas biografias serem completamente diferentes, em outros pontos há uma convergência dos dois escritores que auxiliam aos leitores no entendimento do Holocausto e da repercussão deste na vida de quem o experienciou. Nesse sentido pretendemos abordar os aspectos relativos à importância imprescindível de legarem seus testemunhos às pessoas.

Em ambos os autores, precisar-se como sobrevivente é complexo, porque a definição vem acompanhada por um sempre presente sentimento de culpa, estranha sensação de dever algo (o quê?) para alguém (quem?) por ter sobrevivido (por que eu?). Na explicação de Klüger: “Os sentimentos de culpa dos sobreviventes não giravam em torno do fato de que acreditássemos não ter direito à vida. [...] O termo deveria ser sentimento de ‘dívida’. Fica-se empenhado de uma maneira estranha, não se sabe a quem”.³⁰

Em vários momentos dos textos de Levi e Klüger, somente recorrendo-se ao recurso lingüístico da metáfora para os narradores conseguirem se autonomiar. A imagem da vida em ruínas a ser recomeçada e reconstruída, o retorno a casa que muitas vezes não mais existe, a volta para os seus e o encontro por vezes impossível é referenciada por Levi, ao afirmar que

[...] naquele momento, quando voltávamos a nos sentir homens, ou seja, responsáveis, retornavam as angústias dos homens; a angústia da família, dispersa ou perdida: da dor universal ao redor; do próprio cansaço, que parecia definitivo, não mais remediável; da vida a ser recomeçada, em meio às ruínas, muitas vezes só.³¹

Tinham consciência, os autores, de que sobrevivessem à catástrofe, deveriam iluminar o que viram, trazendo à superfície pelas memórias relatadas, as atrocidades e violências, as tristezas e alegrias, as esperanças e a morte, as instâncias extremas a que foram expostos. Klüger tinha convicção de que: “[...] vivia algo de que valia a pena dar

³⁰ KLÜGER, Ruth. **Paisagens da memória**. Autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto. Tradução de Irene Aron. São Paulo: Editora 34, 2005, p. 165.

³¹ LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes**. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 61.

testemunho”³² e se utiliza das palavras para tanto, pois “[...] as palavras simples, que apareciam em definições nos dicionários, [...], são as que cercam e criam o assunto em discussão [...]”³³

Ao narrar seus entendimentos do que vivenciaram, os autores relacionam suas histórias pessoais com a própria linguagem, que possibilita nomear e atribuir significados específicos a essas histórias. Aquilo que não é nomeado não existe enquanto fato lingüístico, não é compreensível nem passível de repercussão e, conseqüentemente, priva do aprendizado. Ao apropriar-se da palavra e derrubando a barreira da incógnita, do indizível, do antes não nomeado, os autores permitem-se ouvir a própria fala e desenhar a sua identidade ao autonarrar-se. A escrita é, portanto, uma espécie de espaço concreto onde pode ocorrer o encontro-diálogo consigo e em âmbito social e coletivo. A escrita como veículo eficiente de divulgação e reflexão das verdades mais humanas e inexplicáveis, convite a todo leitor para desvelar os sentidos impregnados nas falas dos narradores: “Pensem que isto aconteceu:/ Eu lhes mando estas palavras./ Gravem-nas em seus corações,/ Estando em casa, andando na rua,/ Ao deitar, ao levantar;/ Repitam-nas a seus filhos”³⁴.

Como resultado dessa vivência sem par, permanecem cicatrizes de todos os tipos nas vítimas, inclusive aprendizados pessoais importantes como a importância de permanecer humano em condições desumanas, a luta teimosa pela sobrevivência, as raízes do humano que permanecem e transparecem nos gestos de amizade e solidariedade mesmo no espaço árido do campo de concentração, a obstinação em subjugar a morte, a consciência de que os papéis (perseguido e algoz) podem se inverter. Janina Bauman, sobrevivente do Gueto de Varsóvia, confirma: “Durante a guerra aprendi uma verdade que geralmente preferimos não enunciar: que a coisa mais brutal da crueldade é que ela desumaniza as vítimas antes de destruí-las. E que a luta mais árdua de todas é permanecer humano em condições desumanas”³⁵.

HOLOCAUSTO: MAIS QUE UM QUADRO NA PAREDE

³² KLÜGER, 2005, op. cit., p. 106.

³³ Ibid., p. 207-208.

³⁴ Fragmento de um poema escrito por Primo Levi e registrado ao início da obra **É isto um homem?**. (Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988)

³⁵ BAUMAN, Janina. **Inverno na manhã**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005, p. 8.

Para que Auschwitz³⁶ nunca mais se repita, é necessário investir na Educação, entendida como auto-reflexão crítica para gerir e assumir suas decisões e atitudes desde a infância. O filósofo Theodor Adorno³⁷ defende que é urgente conhecermos os mecanismos que possibilitam a barbárie, o genocídio, e evitá-los. Numa época em que são produzidas “pessoas tecnológicas”, numa ordem social que produz e reproduz a frieza, marcada pelo extremismo nacionalista, deve-se investir numa educação que não recompense a dor nem a capacidade de suportá-la. A educação, mesmo através de situações de crise, deve ser ferramenta de reflexão, libertação, reconhecimento e aprendizado, para essa e as próximas gerações. A educação deve ser instância privilegiada para a preocupação com o humano e o social, o particular e o coletivo, o respeito e a tolerância, no sentido de garantir a todos uma vida digna e plena neste nosso tempo e no vindouro.

Como herança de Auschwitz ou do Holocausto, não basta fixar uma data específica para comemorar o Dia da Memória ou Dia da Recordação do Holocausto, já instituído na Europa, nos Estados Unidos e em Israel, banalizando o fato e por si só desprovida de valor reflexivo. Sua lembrança deve ser capaz de questionar o presente político, não apenas nossa atitude moral, pois lembrar e ensinar sobre o Holocausto significa colocar “[...] em discussão a arqueologia da nossa modernidade, as estruturas disciplinares e de exclusão social, o peso do conformismo numa sociedade individualista de massa, o primado da visão biológica sobre a política”,³⁸ esclarece-nos o historiador Georges Bensoussan, tornando-se MEMÓRIA VIVA e atuante. Também deve favorecer a desconfiança em relação à autoridade e ao controle do grupo, estimulando a crítica à ordem estabelecida. Memória que permita examinar os mais diversos comportamentos sociais e iluminar as relações entre crime e normalidade, questionando sempre acerca da suspensão dos direitos fundamentais estabelecidos, nesse verdadeiro “estado de exceção” que é resultado de normatização numa sociedade massificante.

³⁶ Maior conjunto de campos de concentração destinados ao extermínio de judeus e outros prisioneiros. Passou a ser nome-símbolo para designar a destruição dos judeus na Europa.

³⁷ ADORNO, Theodor W. **Palavras e sinais: modelos críticos 2**. Tradução de Maria Helena Ruschel. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

³⁸ BENSOUSSAN, Georges. **L’eredità di Auschwitz: come ricordare?** Tradução de Camilla Testi. Torino: Einaudi, 2002, p. 118.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num momento em que “falar com os jovens é cada vez mais difícil”,³⁹ em que se despedem da vida os últimos sobreviventes e vítimas diretas do Holocausto, época em que se bombardeiam com dúvidas revisionistas e negacionistas os depoimentos da vítimas, são imprescindíveis os resgates empreendidos nos meios acadêmicos e na mídia, com o estímulo de professores e outros profissionais comprometidos com a História. De fato, nossa história é também a do Holocausto, como verbaliza o doutor em Filosofia, professor Luis Milman:⁴⁰ “[...] é fundamental fazer uma observação: o Holocausto não diz respeito apenas aos judeus. Ele é parte da história humana e sua incidência na história demanda uma capacidade de análise crítica sobre os alicerces da própria civilização moderna e seus valores”.⁴¹ Nossa aproximação com o Holocausto não se dá por sermos vítimas ou envolvidos diretos no fato, mas na condição de modernos homens e mulheres ocidentais que recebem a *Shoah* como herança memorialística e histórica. É de responsabilidade da nossa geração e das vindouras manter viva a lembrança do Holocausto, uma vez que aqueles que o vivenciaram, na pele, estão desaparecendo.

Na verdade, o Holocausto nunca foi tão presente como em nossa época. Contundente em cada obra original ou traduzida para acesso dos mais diversos leitores. Um apelo à reflexão em cada filme que aborda o assunto. Uma chama que queima e machuca a mente nas entrevistas ou documentários assistidos e lidos. O Holocausto é lembrado a cada manifestação neonazista, em cada artigo por vezes ofensivo e inescrupuloso escrito por indivíduos ou organizações negacionistas e revisionistas. Também em todos os momentos em que somos agredidos com imagens sangrentas da guerra no Oriente Médio.

O Holocausto terminou há décadas. Mas é necessário continuar pesquisando, estudando, perguntando e procurando encontrar respostas para acerrar totalmente o que foi o Holocausto e o que permitiu que ele se efetivasse. Levantar hipóteses e suscitar a reflexão. Investigar para promover conhecimento. Estar em sintonia com outros teóricos

³⁹ LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes**. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. São Paulo: Paz e Terra, 2004:172.

⁴⁰ MILMAN, Luis. O Holocausto: verdade e preconceito. **Espaço Acadêmico**. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br>>. Acesso em: 30 nov. 2006.

⁴¹ Ibid.

que buscam compreender melhor o Holocausto. Instigar as novas gerações a considerarem o assunto. Assegurar o espaço devido à memória e à verdade histórica, em favor da Educação. Como afirma Stefano Zampieri:

Eis que, para mim, o sentido mais autêntico da memória, dessa memória especial que é a memória encarnada pela literatura do Lager, seja este: *recordar para interrogar*, não apenas lembrar, lembrar para interrogar, que é uma coisa muito mais complexa e muito mais envolvente, fazer perguntas a nós mesmos, porque somos nós, agora, nós, no sentido de leitores, ouvintes, neste momento, somos nós que precisamos juntar os interrogativos, e somos nós, obviamente, que precisamos tentar responder. Trazer de volta a lembrança, fazer circular de nova uma memória que está sempre a ponto de desaparecer, assim como, aos poucos, se apagam as vozes dos que poderiam dizer “eu estava lá”.⁴² [destaques do autor]



www.revistafenix.pro.br

⁴² ZAMPIERI, Stefano. Lager e letteratura. **Atas do Seminário Figure della Memória**, Firenze, 8-15 jan. p. 79, 2004. Disponível em: <<http://www.rete.toscana.it.sett.lefp/pubblicazioni/allegati/edu05op.pdf>>. Acesso em 10 set. 2006.